

MACHIAVELLI: ESPECIALISTA NA ARTE DA GUERRA? UMA LEITURA CRÍTICA DE MICHEL PRETALLI

MACHIAVELLI: EXPERT IN THE ART OF WAR? A CRITICAL READING OF MICHEL PRETALLI*

Railson Barboza
Universidade Federal Fluminense, Brasil
railson_barboza@yahoo.it

Resumo: A presente pesquisa traz como tema principal o debate sobre uma das principais obras do autor florentino, “Dell’Arte della Guerra”, inicialmente publicada em 1521, um ano após sua conclusão escrita. A discussão parte da compreensão a partir do autor florentino como conhecedor da arte da guerra, tendo por base sua análise teórica sobre os métodos e estratégias técnicas que deveriam ser utilizadas por um exército. Todavia, conforme Michel Pretalli (2020), falta desatar um nó problemático ainda não resolvido, a partir da análise da colocação da “Arte da Guerra” na literatura militar italiana do século XVI: no que concerne a análise do ponto de vista da perícia militar, e por tratar da guerra por uma perspectiva macro, o diálogo apresentado na obra pode ser considerado um manual ou um texto técnico? Assim, propomos um percurso que caminha desde as informações sobre a formação intelectual do jovem Nicolau Maquiavel, com base no livro de memórias seu pai Bernardo, o “Libro di Ricordi”, obtendo informações fundamentais para compreender precisamente seus escritos político-militares, bem como suas influências.

Palavras-chave: Arte da Guerra. Escritos políticos. História. Cinqucento. Itália.

Abstract: This research has as main theme the debate on one of the main works of the florentine author, "Dell'Arte della Guerra", initially published in 1521, one year after its written conclusion. The discussion is based on the understanding of the Florentine author as a connoisseur of the art of war, based on his theoretical analysis of the technical methods and strategies that should be used by an army. However, according to Michel Pretalli (2020), lack of untie a problematic node not yet solved, from the analysis of the placement of the "Art of War" in italian military literature of the sixteenth century: with regard to the analysis from the point of view of military expertise, and because it treats war from a macro perspective, the dialogue presented in the work can be considered a manual or a technical text? Thus, we propose a walk that walks from the information about the intellectual formation of the young Niccolò Machiavelli, based on the memoir his father Bernardo, the "Libro di Ricordi", obtaining fundamental information to understand precisely his political-military writings, as well as his influences.

Keywords: Art of War. Political writings. History. Cinqucento. Italy.

* Artigo recebido em 26/05/2022 e aprovado para publicação pelo Conselho Editorial em 05/07/2022.

INTRODUÇÃO

Quase não há na história do pensamento político um autor que tenha trazido uma diversidade de opiniões como o florentino Nicolau Maquiavel. Sua *opera magna*, “*Il Principe*”, publicado inicialmente após longos cinco de sua morte, evocou interpretações das mais variadas, sendo a mais comum as que desprestigiam o conteúdo devido uma falha hermenêutica dos escritores posteriores. Sabe-se, contudo, que sua capacidade satírica em representar o homem político imerso no jogo de poder reacende diversas discussões, como por exemplo, sobre a validade das ações diante das ocasiões surgidas no âmago da política. Sua perspicaz capacidade de observação da psicologia humana não apenas é resultado do olhar clínico e adestrado pelo cotidiano da vida pública, mas por seu rico conhecimento teórico e histórico dos acontecimentos. É preciso, assim, buscar situar o pensamento do autor em sua dimensão histórica e teórica, e como consequência serão desenvolvidas análises que atualizem e sustentem sua rica interpretação.

Partindo dessa premissa, analisa-se a obra “*Dell’Arte della Guerra*”, única obra política publicada em vida por Maquiavel, no ano de 1521. É interessante esclarecer que o secretário florentino sempre foi uma voz ativa em Florença, talvez a mais sólida, a dedicar-se à defesa de que o soldado, “seja antes um cidadão devotado à causa de sua pátria que um militar profissional comprometido, apenas, com seus interesses pessoais” (BARROS, 2014, p.80). Segundo Alessandro Pinzani (2004, pp.40-41), a obra debate questões gerais e particulares sobre estratégia e tática militares, sendo portanto a guerra, considerada pelo autor, uma “arte” indispensável no mundo, no qual a política se fundamenta no conflito da conquista do poder através da astúcia ou da força, e tendo como instrumento para manutenção do poder as armas.

Todavia, partindo da análise do pesquisador Michel Pretalli (2020) enfatiza-se uma questão levando em consideração a perspectiva histórica e linguística utilizada por Maquiavel: o diálogo apresentado em sua obra sobre a guerra pode ser considerado um manual ou um texto técnico? Dessa forma, através da literatura correspondente vamos discernir na compreensão da obra ou como um manual de 'ciência' militar ou como um tratado literário sobre a arte de guerra.

DESENVOLVIMENTO TEÓRICO E DISCUSSÃO

Iniciamos nossa discussão pela perspectiva trazida nas pesquisas de Michel Pretalli ao observar o cenário político e social do contexto histórico do autor florentino. Nossa primeira observação recai na seguinte indagação: o diálogo trazido por Maquiavel em sua obra pode ser considerado um manual, como muitas vezes é reportado n’O Príncipe, ou apenas um texto teórico? Segundo Marco Formisano (2002), encontram-se questões em aberto que geraram alguns pontos problemáticos, que não permitiam uma sintetização das ideias e conseqüentemente não permitiam uma solução concisa. Formisano frisa que não houve um consenso sobre qual status poderia conceder ao diálogo do autor florentino, divergindo entre um manual de “ciência” militar ou um tratado literário sobre a guerra. Assim, na visão do pesquisador, seguramente há a possibilidade em interpretá-lo como uma escolha consciente em fundamentar um tratado militar, diante do resgate às fontes antigas e das informações de natureza técnica.

E julgando eu, pelo que vi e li, que não é impossível reconduzí-la (a arte da guerra) aos antigos modos e devolver-lhe alguma forma da antiga *virtù*, deliberei, para não passar este meu tempo de ócio sem fazer alguma coisa, escrever o que entendo sobre a arte da guerra, para a satisfação dos amantes das antigas ações. (MAQUIAVEL, 2006, pp. 78-79)

Da mesma forma, Pretalli discorre que na estruturação do diálogo na obra do autor florentino identificamos um conhecimento herdado pelo estudo da cultura antiga e clássica, demonstrando uma erudição que gerou um olhar sob a obra como “embasada em conhecimento puramente teóricos, mas sem a menor experiência prática” (2020, p.6). Sem dúvida o contato do autor florentino com os referenciais humanísticos apresentados em seu período de formação foi de extrema importância e moldou seu estilo literário, sendo traço característico de sua formação clássica obtida na juventude. Esse resgate bibliográfico só é possível à partir da única fonte segura sobre seus anos de formação, registrados no diário de seu pai Bernardo Machiavelli, o “*libro di ricordi*”. É importante frisar que no referido diário o autor documenta que seu filho Nicolau recebeu uma educação humanista,

através de “*um cursus studiorum* típico de um jovem cidadão da boa burguesia¹, que pretende se inserir nas carreiras administrativas ou em profissões jurídicas (PRETALLI, 2020). Nota-se, inclusive, que o estudo das línguas latinas permitiu que esse jovem estudante² tivesse um rico contato com obras de grandes escritores e historiadores, como Tito Lívio, Políbio, Ovídio, mas antes de tudo também com textos de natureza militar, como do senador romano Sexto Júlio Frontino, em seus “*Estratagemas*”, ou também do “*Compêndio da Arte Militar*” do escritor e funcionário romano Flávio Vegécio Renato, servindo como fontes importantes para a construção da *Arte da Guerra* (PRETALLI, 2020).

Vale notar que essa rica formação humanista favoreceu o crescimento e a inserção de Nicolau no ambiente político florentino. A influência dos autores clássicos, como Cícero, alimentaram os valores do povo florentino no que diz respeito ao bem público. Dessa maneira, “à medida que os florentinos se imbuíram de tais convicções, passaram a chamar seus principais humanistas para ocupar as posições de maior prestígio no governo da cidade” (SKINNER, 2012, p.13). Maquiavel, aos poucos, viu os poderes públicos ocupados por figuras dotadas de prestígio socialmente, como Coluccio Salutati e Bartolomeo Scala, antecessores na Primeira Chancelaria de Marcello Adriani, seu tutor. Ou seja, segundo Quentin Skinner (2012, p.14),

o predomínio desses ideais ajuda a explicar como Maquiavel veio a ser indicado relativamente jovem para uma posição de responsabilidade considerável na administração da república. Pois sua família, embora não fosse rica nem altamente aristocrática, mantinha íntimas ligações com alguns dos círculos humanistas mais destacados na cidade.

A partir disso fica evidente como a formação humanista seria um elemento chave para entender como Maquiavel foi nomeado ao cargo na Segunda Chancelaria em 1498. Talvez pelo patrocínio de Marcello Adriani, ou pela influência dos humanistas amigos de seu pai Bernardo, Nicolau se viu lançado na carreira política no governo republicano anti-Savonarola (SKINNER, 2012). Todavia, para os críticos do autor florentino, sua erudição não seria um empecilho para a construção de uma obra que tratasse sobre a arte da guerra, ou sobre a importância da manutenção de um exército engajado nas causas e necessidades

¹ “Ricordo come questo dì vj di detto mese Nicolò, mio figliuolo, cominciò andare a maestro Matteo, maestro di grammatica sta a pie del ponte a Santa Trinità di qua, a imparare a legiere Il donatello; per lo ‘nsenno debbogli dare Il mese soldi 5 e più i venti ordinari per la pasqua”. (*Libro di Ricordi*, p.31)

² “Ricordo come questo dì 8 di detto Nicolò, mio figliuolo, porto a maestro Matteo Che gl’isenga soldi 5 per suo salario detto mese”. (*Libro di Ricordi*, p.34)

de seu território, mas faltava um atributo que na maioria dos casos dava maior destaque àquele que formulava uma teoria: a prática da guerra.

Questo fondarsi principalmente sull'erudizione valse a Machiavelli le critiche di coloro che, già al suo tempo, vedevano in lui un presunto esperto che pretendeva di insegnare l'arte della guerra sulla base di saperi meramente teorici e 'libreschi' ma senza la minima esperienza pratica. Insomma, la capacità di mantenere l'ordine tattico è la qualità primordiale di un esercito ma non è attuabile, secondo i dettami dell'Arte della guerra, se non su un terreno piano, con un clima secco e mite, e cioè in un quadro teorico ideale. Osservazioni di questo tipo fornivano facili argomenti ai denigratori di Machiavelli come Pierre de Bourdeille, signore di Brantôme, secondo il quale Machiavelli non era altro che un mauvais instruiser en l'air.”³ (PRETALLI, 2020, pp. 6-7)

Em contrapartida, vemos que entre os anos de 1503 e 1506 Nicolau Maquiavel assume a responsabilidade de treinar e montar uma milícia em sua cidade, visando a retomada do território de Pisa no ano de 1509, com o apoio do então governante de Florença Piero Soderini. Como chanceler da nova magistratura de comando militar, teve a oportunidade em pôr na prática aquilo que recebeu nos anos formativos de sua juventude. Se o sucesso na retomada de Pisa garantiu estabilidade e prestígio pelo êxito no preparo do corpo militar florentino, a derrota em 1512 ante as tropas espanholas, que contribuiu para a ascensão e o retorno da família, e o fim da República em Florença, serviu de exemplo para que seus críticos levantassem a questão: Maquiavel foi de fato um especialista na arte da guerra? Ou seja, por essa perspectiva não se julga a capacidade técnica ou o conhecimento teórico que o autor obteve em seus estudos humanistas, mas sua capacitação provinda da experiência *in loco* como soldado, pelo uso e manuseio das armas, por uma atuação como sujeito da guerra.

As observações trazidas no último ponto refletem muito mais um olhar tecnicista e prático do que se espera de um militar do que propriamente uma análise técnica de ordem e postura de um agrupamento. Segundo Vinicius Barros (2014), a respeito da arte da guerra, algumas lições são retiradas e alguns exemplos são revistos para constituir uma boa milícia.

³ “Em suma, a capacidade em manter a ordem táctica é a qualidade primordial de um exército, mas não é viável, segundo os ditames da Arte da Guerra, se não em um terreno plano, com clima seco e ameno, ou seja, num quadro teórico ideal. Observações desse tipo forneceram argumentos fáceis para os detratores de Maquiavel, como Pierre de Bourdeille, senhor de Brantôme, segundo a qual dizia que Maquiavel nada mais era do que um “mal instrutor no ar”. (Tradução própria).

Uma das ideias que reacendem as críticas está em recorrer aos exemplos da República Romana, que nas palavras do autor eram “tão desprezadas pelos italianos de sua época” (p.81), ação pela qual Maquiavel recomendava. Segundo Pocock, ainda na disciplina guerreira, a religião civil dos romanos, contribuiu para que estes se tornassem bons soldados. Através do culto aos deuses romanos e às cerimônias cívicas, os governantes inflamavam em seus cidadãos o amor patriótico e a devoção à República (POCOCK *apud* BARROS, 2014). O exemplo da Antiguidade serviria para reforçar a importância de resistência às forças estrangeiras, que a todo momento ganhavam força e território dentro da península italiana. Esse estudo tinha por finalidade compreender a causa do sucesso de Roma, e assim reproduzi-lo.

Na prática militar, recorda-se, grande atenção foi dada às táticas: desde os tempos antigos, os profissionais da guerra reuniram-se para preparar no papel as operações que estavam prestes a realizar, usando esboços e anotações, e Maquiavel, como estudioso desses clássicos, certamente poderia ajudar em conselhos semelhantes (PRETALLI, 2020). Constituir um exército livre e imerso nas causas daquela república aspiraria a grandeza, lutaria contra as formas de servidão política, seja interna ou externa, e conseqüentemente promoveria o bem comum, da pátria.

“Nunca me afastarei, para exemplo de qualquer coisa, dos meus romanos. Quem considere a vida deles e a ordenação daquela república, veria nela muitas coisas que não é impossível introduzir numa cidade [...] na qual ainda houvesse algo de bom”. (MAQUIAVEL, 2006, Livro I, p.8)

A importância do tratado pode ser vista não apenas por conter boas lições de política, mas por reconhecer no ensinamento de Maquiavel a defesa de uma sociedade livre, ordenada e que possa assegurar uma continuidade.

Além dos conselhos sobre a arte militar, *Da Arte da Guerra* contém importantes lições de política. Maquiavel ensina que nenhum reino ou república bem organizados jamais permitira que seus súditos ou cidadãos transformassem a guerra numa arte sua, ou seja, que eles tornassem soldados profissionais, e que o objetivo da arte da guerra não é a guerra em si, mas a defesa. (VIROLI *apud* BARROS, 2014).

O reconhecimento dos atributos humanistas e estratégicos de Maquiavel foi apontado por Piero Pieri (1952, p.535), considerando-o um “produto interessante da cultura humanista italiana”, com “versatilidade e genialidade”, todavia não podendo acrescentar nada além de uma cultura técnica. O historiador via que os conceitos trabalhados e expostos na *Arte da Guerra* a respeito das operações militares relacionadas à práxis da guerra não tinham utilidade prática. Aqueles que tecem uma forte apologia da vertente que Maquiavel era um “especialista” ou “especialista da guerra”, em primeiro momento, se baseiam nos numerosos cargos que o secretário florentino desempenhou durante sua vida pública. Há, também, uma tendência com uma boa quantidade de adeptos e estudiosos, que afirmam a influência da obra de Maquiavel no modo de pensar e travar a guerra, já no século XVI (PRETALLI, 2020). Além dos inúmeros cargos militares ocupados pelo secretário, outro pilar da defesa de Maquiavel por parte da crítica e da historiografia moderna está na fortuna de seus escritos de guerra. Todavia, partindo da problemática trazida no início da pesquisa, e trabalhada com base em diversos comentadores, podemos definir o secretário florentino como um especialista na arte da guerra? Com base no sentido etmológico da palavra, afirma Michel Pretalli (2020, p.30), que:

“um 'especialista' é um indivíduo que se especializou em um campo particular de uma ciência, de uma arte ou uma profissão e fica claro, à luz dos elementos discutidos agora, que Maquiavel não pode ser considerado um especialista em guerra”.⁴

O corolário é que a carreira traçada pelo secretário florentino demonstra sua grande sabedoria e seu conhecimento sobre a guerra, mas sua grande especialidade reside particularmente na gestão administrativa e política, não nas suas implicações estreitamente relacionadas com a condução das operações no campo (PRETALLI, 2020). Seguindo *pari passo*, Formisano defende que as premissas, conteúdos e finalidades da obra maquiaveliana eram todas literárias, visto que a estrutura do diálogo fundamenta um exemplo, mas sempre num movimento de retorno, para dar instruções para uso correto de algumas regras, ou para a implementação de um plano a ser realizado (FORMISANO, 2002).

⁴ “Uno ‘specialista’ è un individuo che si è specializzato in un particolare settore di una scienza, di un’arte o di una professione ed è chiaro, alla luce degli elementi discussi poc’anzi, che Machiavelli non possa essere considerato come specialista della guerra” – Tradução própria.

Entretanto, partindo pela análise histórica e contextual do autor florentino, bem como a movimentação teórica levantada da época, vemos que a atividade militar no século XVI envolveu a aplicação de uma gama de diferentes habilidades e conhecimentos: requisitos práticos e metodológicos extraídos da experiência, por exemplo, para a construção ou manuseio de ferramentas ou armas; noções mais ou menos avançadas de matemática e geometria para a disposição das tropas, o cálculo das trajetórias de balas de canhão ou arcabuz, castrametação ou o desenho de obras fortificadas (PRETALLI, 2020). É de suma importância frisar que havia uma tensão particular nos escritos militares do século XVI, sobretudo no alto grau de competitividade que se estruturavam os responsáveis pela matéria da guerra (PRETALLI, 2020), que possivelmente enfatizava seus maiores atributos técnicos em detrimento daqueles que o antagonizavam.

“Tale tensione è particolarmente sensibile nelle opere di Giulio Cesare Brancaccio, come si può vedere per esempio nel passo seguente del suo ‘Discorso d’intorno alle fortezze’ (1586), dove l’autore critica coloro che rivendicavano la perizia senza possedere esperienza pratica né nel maneggio delle armi né in quello del compasso”⁵. (PRETALLI, 2020, p.46)

Devemos dar ênfase a mais uma perspectiva que possa ter contribuído na análise da especialidade ou não de Maquiavel sobre a guerra: diversamente das obras acadêmicas, os tratados da segunda metade do século XVI sobre a guerra visavam transmitir conhecimentos que pudessem ser colocados em prática, ou seja, com ênfase na transmissão de uma sabedoria prática, não apenas teórica. Isso revela uma clara tendência para a tecnicização, paralela e intimamente ligada à da especialização prática, a qual a *Arte da Guerra* foi essencialmente estranha (FORMISANO, 2002). Ou seja, as grandes críticas recaem na perspectiva técnico-prática da obra, partindo da ideia de que o diálogo maquiaveliano continha uma boa reflexão mas uma inexistente contribuição bélica, visto que suas referências repousavam mais nos ideais clássicos do que na experiência prática do autor no âmago da guerra.

Uma característica central contida nos diálogos militares da segunda metade do século XVI é a preocupação em resolver os problemas surgidos no campo de batalha, e

⁵ “Essa tensão é particularmente sensível nas obras de Giulio Cesare Brancaccio, como pode ser visto, por exemplo, na seguinte passagem de seu Discurso em torno das fortalezas (1586), onde o autor critica aqueles que reivindicaram a perícia sem ter experiência prática ou no manuseio das armas nem na da bússola” – Tradução própria.

consequentemente a escolha pelo gênero literário por Maquiavel pode ter sido determinada sobretudo pelo desejo de se adequar ao gosto da época, transmitindo de maneira eficaz conhecimentos de natureza técnica que teriam permitido o reconhecimento de suas competências específicas em liderar tropas, na construção de defesas fortificadas ou no uso de artilharia, na esperança em obter promoção profissional, econômica e social. Com isso em mente, os autores poderiam, naturalmente, referir-se às tradições anteriores (PRETALLI, 2017).

Os objetivos de Maquiavel com a obra também são utilizados para reforçar essa tese. No diálogo, segundo Pretalli, pretende-se alcançar objetivos diferentes daqueles que motivavam os homens de guerra das décadas seguintes. Em primeiro lugar, o autor florentino,

“queria convencer o senhor de Florença da validade de seu projeto de reforma militar e, provavelmente, também o fato de que ele próprio tinha todas as habilidades necessárias em gestão administrativa e política para implementá-lo. ‘*A Arte da Guerra*’, de fato, propunha um “Programa positivo de reforma militar”. (PRETALLI, 2020, p. 80)

Outra questão abordada e levantada por Pretalli (2020) diz respeito à adaptação do assunto da obra às demandas literárias sobre o assunto naquele período. Com seu diálogo, Maquiavel pretendia alcançar objetivos diferentes daqueles que motivavam os homens de guerra das décadas seguintes, ou seja, não propriamente constituir um manual prático de guerra, mas mostrar suas virtudes e boas capacidades na arte da análise técnica da guerra. De fato, a escolha da forma didática dos diálogos militares se explica essencialmente pelo fato de que em todos esses textos expõem conhecimentos apresentados como certezas adquiridas e transmitidas, exibidas por quem os mantém em relação vertical. Dessa maneira, sustenta-se a hipótese de que essa análise tinha visava um reconhecimento por parte das autoridades políticas no que diz respeito às estratégias de guerra, com fins no estabelecimento de uma reforma militar, analogamente como foi apresentado na *opera magna* “*Il Príncipe*”, porém esse último tendo por sujeito os principados e seus líderes.

[...] ele primeiro queria convencer o senhor de Florença da validade de seu projeto de reforma militar e, provavelmente, também do fato que ele mesmo tinha todas as habilidades necessárias em gestão administrativa e política para implementá-lo. (PRETALLI, 2020, p. 80)

Nota-se portanto que a problemática do assunto desenvolve-se através de duas premissas: uma de que invalida o reconhecimento de Maquiavel como “especialista na arte da guerra”, baseando sua afirmação pela falta de experiência prática que ele possuía, enquanto outro afirma sua importância na literatura do assunto independente dele ter sido militar.

CONCLUSÃO

Retomando o que fora exposto desde o início da pesquisa, retomamos a seguinte problemática, que serviu de base para o desenvolvimento teórico: o secretário florentino pode ser considerado um especialista na arte da guerra? Ou seu diálogo seria considerado apenas um manual, um texto puramente técnico? Com base nos escritos de Michel Pretalli (2020) vemos que a resposta da primeira pergunta seria negativa, refletindo o julgamento de Marco Formisano (2002), segundo o qual o autor florentino “continua um homem de letras e um político, um intelectual conduzido por sua própria racionalidade a encarar a reflexão sobre qualquer assunto com inquebrantável confiança na retórica (no sentido mais amplo) e na organização argumentativa do enunciado” (p.125).

Diferentemente, seguindo pela lógica de alguns especialistas na ciência política de Maquiavel, afirma-se que “política e guerra [...] estão totalmente imbricadas, uma vez que, sem o amparo militar, as instituições políticas, em momentos de crise, não tardariam a desaparecer” (BARROS, 2014, p.83). Ou seja, se por um lado o autor florentino é apontado como ótimo especialista na arte argumentativa e um grande político, isso não invalidaria sua especialidade na arte da guerra visto que naquele contexto histórico política e guerra eram intrinsecamente ligados, e a guerra vista como uma tarefa de Estado. Porém, a maneira como seus escritos tiveram impacto sobre o tema da guerra dentro do contexto dos *cinquecento* e doravante

Em todo caso deve ser reconhecida a capacidade técnica e argumentativa do autor, principalmente levando em consideração seu vasto conhecimento teórico dos clássicos, sem deixar de lado que há uma limitação em alguns passos, como por exemplo sua inexperiência no campo militar, além dos próprios objetivos do texto, mais voltados à arte argumentativa do que didático-prático. Reforça Pretalli (2020, p. 82), que “na *Arte da Guerra*, o ensino é transmitido pela história, sendo aí que a lição está ligada às experiências

contemporâneas”, ou seja, um imerso num conjunto de escritos que falam sobre a atividade da guerra do ponto de vista das formas, não da matéria da guerra (ação).

Nossa discussão em momento algum procura desvalorizar o trabalho do secretário florentino, sempre destacando suas qualidades e seu olhar clínico na observação do *modus operandi* da política. Todavia, seu único tratado político publicado em vida pode ser visto de forma heterogênea, abrindo a possibilidade para debates e desenvolvimentos acerca do tema. Procuramos, dessa maneira, trazer uma nova perspectiva e contribuir para o desenvolvimento do aporte teórico sobre o secretário florentino e o tema da arte da guerra em seu contexto histórico.

REFERÊNCIAS

- BARROS, Vinícius Soares de Campos. *10 Lições sobre Maquiavel*. Coleção 10 Lições. Editora Vozes. Petrópolis, 2014.
- FORMISANO, Marco. *Strategie da manuale: L'arte della guerra, Vegezio e Machiavelli*. Quaderni di Storia, 55 (2002).
- MACHIAVELLI, Bernardo. *Libro di Ricordi*. A cura di Cesare Olschki. Istituto Nazionale di Studi sul Rinascimento. Edizioni di Storia e Letteratura. Roma, 2007.
- MAQUIAVEL, Nicolau. *A Arte da Guerra*. Tradução de M.F. Editora Martins Fontes. São Paulo, 2006.
- PIERI, Piero. *Il Rinascimento e la crisi militare italiana*. Torino, Einaudi, 1952.
- PINZANI, Alessandro. *Maquiavel & O Príncipe*. Coleção Filosofia Passo-a-passo. Jorge Zahar Editor. Rio de Janeiro, 2004.
- POCOCK, Jhon G.A. *El momento maquiavélico – El pensamiento político florentino y la tradición republicana atlántica*. Ed. Tecnos. 2ª Edición. Madrid, 2008.
- PRETALLI, Michel. *Du champ de bataille à la bibliothèque. Le dialogue militaire italien au XV^eème siècle*. Classiques Garnier, Paris, 2017.
- _____. *L'Arte della guerra di Machiavelli e la letteratura militare del Cinquecento*. Nuova Antologia Militare, Gruppo Editoriale Tab, 2020.
- SKINNER, Quentin. *Maquiavel*. Tradução de Denise Bottmann. Coleção L&PM Pocket. Porto Alegre, 2012.
- VIROLI, Maurizio. *O Sorriso de Nicolau – História de Maquiavel*. Tradução de Valéria Pereira da Silva. Estação da Liberdade. São Paulo, 2002.